

recomendou várias, desde a disponibilização de água engarrafada livre de PFAs até a sistemas de osmose inversa, filtros de carbono ou troca iónica. Frisou que, dependendo das características do solo, podem passar anos até os PFAs serem detetados na água.

Já se os contaminantes entrarem na cadeia alimentar a questão torna-se bastante mais complexa, apontou,

dada a dificuldade de isolar a fonte.

O professor de engenharia civil e ambiental na Escola de Minas do Colorado defende que o Departamento da Defesa dos EUA tem sido muito proativo na abordagem a este problema, começando a desenvolver esforços ainda em 2009, quando a Agência de Proteção Ambiental norte-americana emitiu o primeiro aviso relativo aos PFAs.

Espera que o trabalho que está a ser feito sirva como um “modelo” para o resto do país.

Em abril deste ano o DI já noticiava que governo dos Estados Unidos da América tem gasto, em solo americano, milhões de dólares relacionados com água subterrânea e poços de abastecimento de água à população poluídos em resultado do uso, ao longo de muitos anos, de espumas destinadas

questão da contaminação com PFAs em bases militares localizadas em solo americano.

“Alguns dos níveis mais altos de contaminação de água subterrânea no país com PFAs foram encontrados em bases militares, de acordo com informação federal obtida e analisada pelo EWG”, pode-se ler no site da organização.

“Entre os sítios militares que o Pen-

RELATÓRIO AMERICANO DESCREVE ANTIGA ZONA DAS LAJES

Fire Training Area

O “Final Environmental Baseline Survey Report for Lajes Field”, desenvolvido em 2003 a pedido das forças norte-americanas, especifica que a “Fire Training Area” (Zona de Treino Contra Incêndios) estava no topo das áreas de preocupação. Apenas o South Tank Farm apresentava mais risco.

Esta zona estava localizada, segundo o relatório, a norte da extremidade noroeste da pista a sul.

“Consiste na réplica queimada de um C141, dentro de um círculo com 30 metros de diâmetro. O círculo exterior tem mais de 120 metros de diâmetro, pelo que a área possui mais de 12 mil metros quadrados”, descreve o relatório.

No local, havia um tanque de combustível subterrâneo, a 30 metros de um poço para queima de materiais. “Este tanque era usado para armazenar combustível para utilizar nos treinos. A réplica do avião era regada com combustível e ateavam-lhe fogo, depois extinguido com produtos de combate a incêndios”. Esta área e também outra localizada ali perto para treino de incêndios foram desativadas em 1990, por razões ambientais.

“Suspeita-se que hidrocarbonetos estejam presentes nos solos superficiais e subterrâneos”, avançava o documento, sendo sublinhado que era, assim, possível haver contaminantes no ar.

A contaminação também podia migrar a partir desta área devido ao escoamento superficial de águas.

Nenhuma medida de remediação tinha avançado no local. ❏

Base das Lajes terá sido afetada

ao combate a incêndios que contêm químicos cancerígenos.

Como apontava o “Military Times”, o Pentágono está a enfrentar uma conta global de dois biliões de dólares “e provavelmente mais”.

“Já pagou muitas centenas de milhões de dólares para instalar filtros e fornecer água engarrafada às áreas afetadas”, era avançado.

A Força Aérea norte-americana anunciou, no ano passado, a alteração total dos meios de combate aos fogos, tendo passado a utilizar apenas espuma, considerada mais segura para o ambiente do que a espuma aquosa usada anteriormente.

BASES SÃO LOCAIS MAIS PREJUDICADOS

O assunto tem despertado a atenção da opinião pública nos Estados Unidos.

Em outubro, o EWG (Environmental Working Group- Grupo de Trabalho Ambiental), uma organização sem fins lucrativos ou partidários, abordava a

tágonos revelou estarem contaminados com PFAs até à data, incluindo aeroportos civis que recebem unidades da Guarda Nacional, 64 apresentavam PFAS na água subterrânea que excediam 100 mil partes por trilião”, pode ler-se.

Estudos científicos independentes têm, entretanto, recomendado níveis de segurança para a presença de PFAS na água para consumo humano de uma parte por trilião, o que é apoiado pelo EWG.

A organização sublinha que “doses muito baixas de químicos PFA na água para beber tem sido ligados ao risco acrescido de cancro, problemas reprodutivos e do sistema imunitário, doenças do fígado e da tiroide e outros problemas de saúde”.

No seminário organizado pelas Academias das Ciências, Engenharia e Medicina, Jonathan Samet, da Escola de Saúde Pública do Colorado, lembrou que estes químicos começaram a ser estudados na década de 90. Agora, nos EUA, são uma prioridade. ❏

